

O Dragão e o Carneiro Tártaro

Os dragões sempre saíram rastejando de suas covas no começo dos tempos para testar a virtude e a fé da humanidade. Nas lendas, aparecem nos portões das cidades, devorando o sangue de inocentes, e desafiando os guerreiros mais fortes e mais piedosos a defenderem a ordem das coisas, brandindo espada contra hálito de fogo.

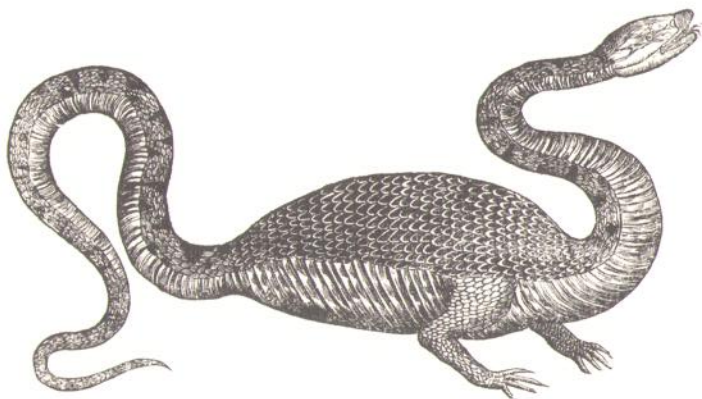
Quando um “terrível dragão” foi visto nos pântanos perto de Bolonha, em 1572, é provável que tenha despertado esses medos antigos. Dessa vez, entretanto, o herói do momento não era um cavaleiro de armadura brilhante a caminho da canonização, mas um corpulento e calvo erudito, que só tinha de seu um nome heróico, Ulisse, para exhibir como credencial bélica.

O papa estava visitando a cidade, mas apesar disso a Igreja não reivindicou o que até um século antes poderia ser visto como uma vitória do cristianismo contra o diabo. Mas um cientista colecionador, o renomado Ulisse Aldrovandi (1522-1605), foi considerado capaz de lidar com criaturas estranhas. O tom sério com que relata a captura do animal é, em si mesmo, significativo:

O dragão foi visto pela primeira vez em 13 de maio de 1572, sibilando como uma cobra. Estivera escondido na pequena propriedade de Mestre Petrônio, perto de Dosius, num lugar chamado Malonolta. Às cinco da tarde, foi apanhado numa estrada pública por um pastor chamado Batista de Camaldulus, perto da sebe de uma fazenda particular, a uma milha dos remotos arrabaldes de Bolonha. Batista conduzia seu carro de boi para casa quando os bois pararam de repente. Bateu-lhes, berrou, mas eles se recusaram a prosseguir, e caíram de joelhos. Nesse momento o pastor

ouviu o som sibilante e ficou espantado de ver o estranho dragãozinho à sua frente. Trêmulo, golpeou-o na cabeça com o bastão e matou-o.¹

Uma bastonada na cabeça foi suficiente. Que criatura era aquela, é impossível saber. Talvez um lagarto grande e raro. Aldrovandi fez o que se esperava que fizesse qualquer um em seu lugar: preservou o dragão e escreveu a *Dracologia*, uma história dos dragões em latim, em sete volumes. É um tratado científico, que procura explicar o fenômeno como fato natural, não em termos metafísicos ou religiosos. O animal, escreveu ele, ainda não atingira a maturidade, como mostravam suas garras e seus dentes mal desenvolvidos. Movimentava-se, supunha ele, deslizando como uma cobra, com a ajuda de duas pernas. O cadáver tinha um dorso volumoso e uma longa cauda, de mais ou menos sessenta centímetros.



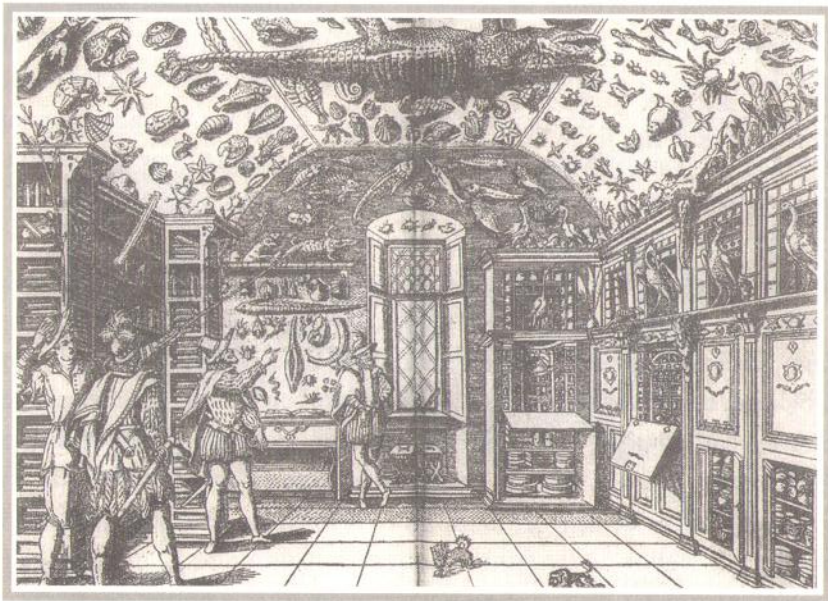
Partes do museu de Aldrovandi sobreviveram até nossos dias e estão no Museo di Storia Nazionale, no Palazzo Poggia, em Bolonha. Poucos turistas o visitam, e as salas com painéis de madeira e armários brancos são relegadas ao silêncio a maior parte do tempo. Dois crocodilos secos na parede observam os ovos de pássaros, os estranhos chifres, as pedras, as plantas e os volumes eruditos. Apenas a iluminação fluorescente faz lembrar que quatro séculos se passaram. O dragão, agora desaparecido, fez parte da exposição.

Estudiosos de toda a Itália visitavam a coleção para vê-lo com os próprios olhos. Em seus dias de glória, a coleção atraía multidões de visitantes, tanto estudiosos como simples curiosos, e Aldrovandi mantinha um rebuscado registro de visitas, regularmente inventariado e atualizado. Entre os convidados a assinar o livro de registro contam-se 907 estudiosos, 118 nobres, 11 arcebispos, 25 “homens famosos” e uma única mulher. Outras mulheres concederam ao grande homem a honra de uma visita, mas até mesmo Caterina Sforza, o que a Itália tinha de mais parecido com uma rainha, e que apareceu com uma comitiva de “14 ou 15 coches e carruagens transportando 50 damas, a fina flor das famílias mais importantes da cidade, acompanhadas de mais de 150 cavalheiros”,² não foi considerada com estatura intelectual suficiente para assinar.

Aldrovandi ocupava a linha de frente de uma explosão de atividade científica e colecionadora iniciada na Itália no século XVI. Julgava-se um novo Aristóteles e tinha a intenção de concluir o que Aristóteles e Plínio começaram: uma enciclopédia da natureza. Para tanto precisava de dados, e o tamanho de sua coleção tornou-se uma obsessão tão grande quanto a coleta e a descrição dos espécimes. O museu tinha 13 mil itens em 1577, 18 mil em 1595 e cerca de 20 mil na virada do século.

Nessa época, muitas cidades italianas tinham seus grandes colecionadores: homens como Michele Mercati, em Roma; Francesco Calceolari, em Verona; Carlo Ruzzini, em Veneza; Aldrovandi e mais tarde Ferdinando Cospì, em Bolonha; e Athanasius Kircher, no Vaticano, formaram coleções que, classificadas e catalogadas, eram instrumentos de erudição e consolidação de conhecimentos enciclopédicos. Os armários dos colecionadores mais ricos ostentavam chifres de unicórnio, dragões ressecados com formas bizarras e assustadoras, crânios de estranhos pássaros e mandíbulas de peixes gigantes, aves empalhadas das cores mais extraordinárias, e partes de outras criaturas, ainda não identificadas, que pareciam pairar entre a realidade e o mito, entre a esperança de uma explicação racional e o medo do inferno. Essas coleções não eram uniformes em orientação e conteúdo. O veronês Mapheus Cusanus, por exemplo, era conhecido pela curiosa predileção por “ídolos egípcios tirados de múmias, conchas petrificadas, queijos petrificados, canela, esponja e cogumelos”.³

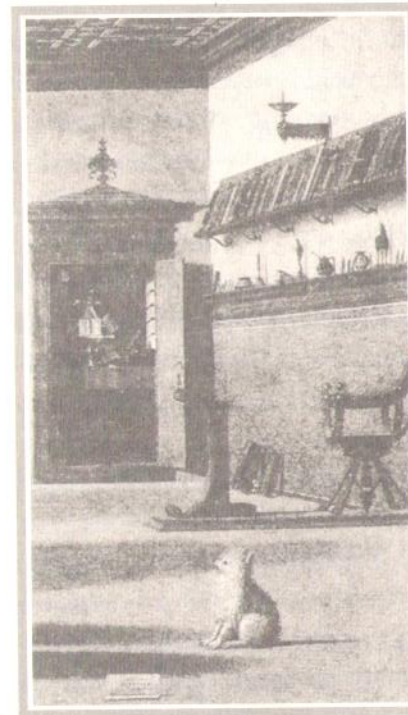
Esse novo espírito de indagação renascentista era estimulado por estudiosos e amadores, e não por padres e filósofos antigos, e pela primeira vez aceitou-se a idéia de que o mercado de peixes era um lugar melhor para adquirir conhecimentos do que uma biblioteca. Era mais provável que pescadores capturassem em suas redes espécimes raros e maravilhosos, e soubessem discorrer sobre seus hábitos e nomes, do que qualquer quantidade de manuscritos latinos. Já não bastava sentar-se à mesa de um mosteiro. O próprio Aldrovandi percorria os mercados de peixes, em busca de descobertas, e conversava com pescadores, assim como Descartes faria observações sobre anatomia animal em um açougue de Paris, um século mais tarde.



Um século antes ainda teria sido uma maldição para os colecionadores procurar objetos em lugares como esses, pois até o século XVI colecionar fora privilégio de príncipes, cujos interesses se concentravam em objetos ao mesmo tempo belos e preciosos, que aumentavam sua fortuna e seu poder. Tutankamon colecionara cerâmicas finas, e o faraó Amenhotep III era conhecido

por sua paixão por esmaltes azuis; e santuários, do Templo de Salomão à Acrópole, assim como as cortes de nobres, sempre guardaram famosos tesouros.⁴ A Roma antiga assistiu ao fugaz desabrochar de uma cultura de colecionador, sobretudo de obras de arte gregas, mas isso desapareceu com o império.⁵

Durante a Idade Média, príncipes da Igreja e governantes seculares acumularam tesouros de relíquias, vasos de luxo, jóias e objetos como chifres de unicórnio (narval) ou outras criaturas lendárias.⁶ Desses tesouros, surgiu uma forma mais privada de apreciação, o *studiolo*, um estúdio especialmente construído para abrigar objetos antigos, pedras preciosas e esculturas, popular na Itália entre homens de recursos e conhecimentos, a partir do século XIV.⁷ Oliviero Forza, em Treviso, foi dono do primeiro *studiolo* de que há registro, em 1335. Colecionar obras de arte e objetos esculpidos em pedras e metais preciosos tornou-se passatempo de príncipes, diversão que às vezes beirava a paixão avassaladora.



Um dia tudo o que ele quer é passar os olhos por esses volumes [que comprara e copiara para si próprio], para passar o tempo e dar prazer aos olhos. Outro dia... assim me disseram, ele tira algumas efígies e imagens de imperadores e pessoas importantes do passado, algumas de ouro, outras de prata, outras ainda de bronze, de pedras preciosas ou de mármore e outros materiais agradáveis de contemplar... E outro dia ele contemplava jóias e pedras preciosas, das quais possuía uma maravilhosa quantidade, de grande valor, algumas com gravações, outras não. Sentia grande prazer e alegria ao olhar essas coisas e falar de suas virtudes. No dia seguinte talvez inspecionasse seus vasos de ouro e prata e outros materiais preciosos... No

fim das contas, trata-se de adquirir objetos valiosos ou estranhos — ele não pergunta o preço.⁸

Esse colecionador tão absorvido em seus tesouros, Piero de' Medici, conhecido como o Gotoso (1416-69), podia se dar ao luxo de não perguntar o preço dos objetos que adquiria e encomendava onde quer que os encontrasse. Diversos descendentes seus, mais notoriamente Francesco e Lorenzo o Magnífico, também foram dominados por essa paixão. Francesco mandou construir e pintar um *studiolo* com painéis que representavam os doze meses e os doze tipos de livros existentes em sua biblioteca.

Há, entretanto, uma enorme diferença entre esses “arsenais de coisas preciosas” e o museu de Ulisse Aldrovandi, cem anos mais tarde. Antonio Averlino Filarete, que observou Piero de' Medici em seu *studiolo*, examina o tipo de patrimônio acumulado: objetos antigos, pedras preciosas e obras de arte, além de “objetos estranhos e dignos de nota”.⁹ A distinção significativa entre os tesouros medievais e os novos *studioli* era a privacidade inerente à idéia de estúdio. Mas em seu programa e em sua estrutura, pouca coisa mudara. Ainda ressoava nas paredes que isolavam e representavam o mundo exterior, com sua simbólica ordem de coisas, a memória do canto gregoriano e a vibração de emblemas heráldicos. O *studiolo* com suas estátuas, seus painéis pintados e suas pedras preciosas da antigüidade expressava o amor à arte e à beleza, e com a beleza veio a virtude, a fé, e o que Umberto Eco chamou de “uma espécie de humildade ontológica diante da primazia da natureza”.¹⁰ A esmagadora curiosidade que induziu colecionadores a procurarem não apenas o que era belo e emblemático, mas também estranho e incompreensível, que os levou a enfrentar com sua inteligência e erudição os autores da antigüidade, ainda estava muito longe.

O pastor huguenote francês e viajante da América Jean de Léry se perguntava, em 1578, como era possível pedir a seus leitores franceses que “acreditassem no que só poderia ser visto a duas mil léguas de distância do lugar onde viviam; em coisas que os antigos não conheceram (e sobre as quais não poderiam ter escrito)”?¹¹ *Coisas que os antigos não conheceram* — esta frase ecoaria pela Europa até abalar seus alicerces intelectuais. Com a exploração de novos continentes, do macrocosmo planetário e do microcosmo das me-

nores coisas, a Europa saía da sombra da Antigüidade e de seus autores, que tinham circunscrito a esfera do conhecimento por mais de mil anos. Durante a Idade Média e o começo do Renascimento, tinha-se como certo que não havia fenômeno natural, nem cultura, nem animal nem sensação que já não tivessem sido interpretados definitivamente por Aristóteles e Plínio, por Cícero ou Pitágoras. O resto, afirmavam os escolásticos, era apenas comentário e reinterpretação à luz dos evangelhos.

Entretanto, um século depois da descoberta da América, novas descobertas na terra e no céu continuavam a chover praticamente todos os dias. O conhecimento explodiu, enquanto os horizontes antigos eram ampliados para além de tudo aquilo que se julgara possível. “Nem Aristóteles, nem qualquer outro filósofo e naturalista antigo ou moderno observou ou conheceu [essas coisas]”¹², exclamou Francesco Stelluri, confiante, depois de observar uma abelha ao microscópio; outro, Federico Cesi, imaginava em voz alta o que diria Plínio se pudesse ver “a abelha de juba de leão, múltiplas línguas e olho peludo”.¹³ Colecionadores na Itália reagiram a essa mudança insistindo no estudo empírico da natureza. Além dos Alpes, outros acharam que esse paradigma não lhes ofereceria tudo que pretendiam conhecer e seguiram um caminho diferente, combinando conceitos científicos e aristotélicos com tradições ocultas.¹⁴

Junto com o crescente espírito científico do Renascimento na segunda metade do século XVI, veio uma grande quantidade de coleções que procuravam explorar e representar o mundo como ele parecia àquela altura. O *studiolo* já não correspondia à necessidade de compreender a simples exuberância do novo em todas as suas formas estranhas. “Seria vergonhoso”, escreveu Francis Bacon em seu *Novum Organum* em 1620 “para a Humanidade se, depois que essas áreas do mundo material foram abertas, desconhecidas que eram em tempos anteriores — tantos mares navegados — tantos países explorados — tantas estrelas descobertas — a filosofia, ou o mundo inteligível, continuasse limitado pelas fronteiras de antigamente.”¹⁵

Os interessados em manter essas fronteiras tinham oferecido considerável resistência. Já Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino ponderavam sobre aonde a curiosidade poderia levar os crentes. Bernard de Clairvaux

ralhou veementemente com aqueles que se interessavam mais pelas coisas desconhecidas na terra do que no céu.

Por que os monges que deveriam se dedicar a seus estudos precisam enfrentar essas ridículas monstruosidades? De que serve essa beleza deformada, essa elegante deformidade? Esses rústicos macacos? Os leões selvagens? Os monstruosos centauros? Esses semi-humanos? Os tigres pintados? Pode-se ver uma cabeça com muitos corpos ou um corpo com muitas cabeças. Aqui vemos um animal com cauda de serpente, ali um peixe com cabeça de animal. Mais além temos um quadrúpede cuja dianteira é um cavalo e a traseira uma cabra; e lá adiante um animal de chifre com traseiro de cavalo... Em nome de Deus! Se não temos vergonha dessas bobagens, por que, pelo menos, não nos indignamos com os custos?¹⁶

Conscientes do que a curiosidade pode significar para os gatos, os teólogos não tinham certeza de que a fé resolveria. A curiosidade, decidiram eles, era má, e quem relutasse em ouvir sua mensagem poderia vê-la reforçada pela excomunhão e pela condenação à fogueira.¹⁷ Nem mesmo Michel de Montaigne, cujas descobertas sobre a natureza não sofriam as limitações dos ensinamentos da Igreja, era amigo do excesso de curiosidade. Conhecer um homem que tinha vivido no Novo Mundo não o impressionou: "Receio que nossos olhos sejam maiores do que nossas barrigas, e que tenhamos mais curiosidade do que capacidade; pois buscamos tudo e só capturamos o vento."¹⁸ Pessoas que passavam a vida investigando questões obscuras sem se conhecerem adequadamente eram insensatas, pensava ele.

A oposição de Montaigne à curiosidade como forma intelectual de escapismo tinha uma motivação muito diferente da dos teólogos, que temiam que seu mundo fosse inteiramente virado de cabeça para baixo. Tinham razão, é claro, na medida em que dali a 300 anos as coleções de curiosidades se mostrariam um verdadeiro motor da secularização. Coleções de *naturalia*, de animais, plantas e minerais, multiplicaram-se pela Europa, cada uma constituindo uma enciclopédia da natureza, de conhecimentos que não dependiam da Igreja. Entre 1556 e 1560, o colecionador holandês Hubert Goltzius relacionou 968 coleções que ele conheceu nos Países Baixos, Alemanha, Áustria, Suíça, França e Itália; e um século depois outro coleciona-

dor, Pierre Borel, orgulhava-se de ter visto 63 coleções. Só a República Veneziana tinha mais de setenta coleções notáveis dentro de suas fronteiras.¹⁹

Por que terá sido no século XVI que a Europa viveu seu primeiro surto de atividade colecionadora, na verdade a primeira atividade colecionadora que não se restringia a um punhado de pessoas desde os tempos de Roma?

A resposta, aparentemente, está um pouco neste mundo e um pouco no outro. A explicação mundana é que a expansão do conhecimento no século XVI exigia novas respostas, novas abordagens para os novos fenômenos. Estudiosos em toda a Europa exploraram o macrocosmo através do telescópio, e as pequenas coisas pelo microscópio. Inovações tecnológicas, como a imprensa, e progressos na construção naval e na navegação facilitaram o comércio em todo o mundo e trouxeram artigos mais baratos para a Europa. No continente, um sistema bancário mais sofisticado acelerou a troca de bens. Com os impérios comerciais como as repúblicas holandesa e veneziana, surgiu uma riqueza sem precedentes, outro fator crucial para uma florescente cultura de colecionador. Para tirar objetos de circulação, ou para se dedicar à procura de coisas inúteis, era preciso dispor de tempo e recursos. De fato, as coleções progrediram em toda parte onde o comércio floresceu.

Juntamente com essas revoluções mundanas, entretanto, outra, menos palpável, estava ocorrendo, uma mudança na maneira de perceber a morte e o mundo material.²⁰ Cristãos medievais eram obrigados a escolher entre amar o mundo físico e os seus prazeres, e sofrer a eterna danação, ou renunciar a tudo isso em nome dos céus — pois de pouco valia ganhar o mundo e perder a alma, como diz o evangelho. Do ponto de vista do crente, a morte era uma transição, um momento de ajuste de contas assinalado por espetáculo público e ritual comum. Mesmo para os poucos que tinham condições, acumular objetos e não usá-los de imediato só era aceitável se estivesse de acordo com esta concepção do mundo: relíquias e belas obras que glorificavam a Deus. Não temos notícia de qualquer coleção de plantas, pedras ou animais nessa época, apesar do fato de que peças individuais aparentemente com propriedades estranhas, como "ossos de dragão", geralmente fósseis, costumavam ir parar nos tesouros da Igreja e da nobreza.

No século XVI, cada vez mais secular e capitalista, as atitudes em relação

à mortalidade e a bens mundanos mudaram. Uma consciência mais aguda do fim iminente dominou a poesia e as artes, como se pode ver pelas inúmeras naturezas-mortas *vanitas* que faziam parte de qualquer casa rica. Em cada uma, a beleza sedutora do aqui e do agora é contrastada com sua inerente decadência. Via-se em todo florescimento o germe da putrefação, e em todos os quadros a passagem do tempo era medida por ampulhetas, crânios ou velas acesas em meio à exibição suntuosa de frutas, objetos preciosos e belas flores. Não havia botão delicado sem um besouro rastejando nele, à espera de que murchasse e morresse. O poeta elizabetano Robert Herrick (1591-1674) resumiu este sentimento de inutilidade em um apelo para que seus leitores aproveitassem o dia:

Juntem botões de rosas enquanto podem,
O tempo ainda está passando:
E a flor que hoje sorri
Amanhã estará morrendo.²¹



A morte só assusta se é realmente o fim, e a morte das flores de repente já não significa o eterno ciclo da criação de Deus, mas uma perda irreparável. Em um mundo em que a morte assomava, a atenção voltava-se para os próprios botões de rosa, para o mundo material e para os que nele habitavam. A arte do retrato afirmou-se juntamente com a natureza-morta. Foi o novo conceito da vida que tornou possível o ato de colecionar,

transformando-o de fraqueza em *avaritia*, um dos sete pecados capitais, e da rejeição da vida eterna na busca de Deus por intermédio de sua criação, na teologia prática. Para homens como Aldrovandi, a consciência da mortalidade dos esplendores do mundo apenas os estimulava a fazerem de suas coleções testamentos para futuras gerações.

A nova estirpe de colecionadores deixara de apelar para a autoridade da

Igreja. Enquanto corriam para ver o dragão de Aldrovandi, e outras maravilhas que ele juntara em sua casa, cardeais e bispos reconheciam tacitamente a validade de sua abordagem mundana da natureza, e uma das coleções mais importantes desse tempo, a do jesuíta Athanasius Kircher, tinha por sede o Vaticano. A natureza e as artes se libertaram dos grilhões teológicos, e os príncipes da Igreja estavam ansiosos para tomar parte na exaltação, maravilhando-se com as complexidades da anatomia humana nas sessões de dissecação, os mistérios do magnetismo e as roupas belamente tecidas, feitas de asbesto, que não se queimavam mesmo no fogo mais quente — fenômenos sobre os quais seus ensinamentos nada ensinavam.

Ainda existiam, é claro, as grandes coleções principescas, imensos tesouros como os de Augusto, o eleitor da Saxônia, de Ferdinando II no Castelo Ambras, perto de Innsbruck, e das grandes casas reais. A partir da década de 1550, entretanto, uma rede de coleções especializadas estendeu-se pela Europa, como registrou o colecionador holandês Hubert Goltzius. Esses estudiosos correspondiam-se regularmente e apresentavam seus argumentos sobre o objetivo e a ordem de suas coleções em livros eruditos.²² Ole Worm na Dinamarca, universidades como a de Leiden na Holanda, Oxford, a cidade museu da Basiléia, na Suíça, e Pierre Borel em Paris participavam dessa troca de idéias e dessa caçada de itens estranhos, preciosos e desconhecidos, que incluíam de troncos de formação bizarra a frutos exóticos, conchas de náutilos e fragmentos de dragões e sereias.

Com a disseminação da atividade de colecionador como assunto sério, outro fenômeno apareceu: colecionar tornou-se popular entre pessoas que não tinham grandes recursos nem grandes ambições intelectuais; pessoas comuns que tinham um pouco para gastar. A Holanda era um caso especialmente interessante. Nessa república, que vivia do seu acesso ao mundo mais vasto e de suas relações comerciais que iam das Índias Ocidentais ao mar Báltico, os portos de Amsterdã e Roterdã encheram-se de coisas exóticas e maravilhosas. Capitães recebiam instruções de mercadores e colecionadores para anotar e comprar tudo que julgassem digno de ser levado, e marinheiros geralmente aumentavam seus ganhos oferecendo animais empalhados, conchas ou artefatos estrangeiros.²³

Em uma sociedade sem aristocracia, muita gente poderia compartilhar essa fartura e comprar objetos para guardar em seus armários e exibir para os amigos, prova das maravilhas além das ondas e do êxito avassalador que seu país pequeno e pantanoso tinha alcançado por força da necessidade, transformando o mar hostil em um grande mercado. Havia comerciantes especializados em artigos exóticos, e boticários costumavam estocar coisas curiosas, como múmias egípcias e peixes estrangeiros secos, deixando o acaso decidir se deviam virar pó e serem utilizados como remédio ou se deveriam ser vendidos intactos, para fazer parte de uma coleção. Quando o boticário de Leiden, Christiaen Porret, morreu em 1628, o catálogo de leilão de sua loja mencionava uma cornucópia que não estaria fora de lugar em qualquer armário da época: “curiosidades ou raridades e delícias seletas de estranhos cornos marinhos indianos ou de outra procedência, conchas de terra firme e do mar, minerais e estranhas criaturas, assim como objetos preparados artificialmente e pinturas”.²⁴

Muito antes de a famosa e febril especulação com tulipas fazer e destruir fortunas na bolsa de valores, a admiração por coisas exóticas coloridas já estava estabelecida, e o armário de curiosidades, inicialmente uma mobília na qual se guardavam artigos, tornou-se moda entre os burgueses das cidades holandesas, principalmente porque mesmo casas de boneca só eram consideradas

completas quando incluíam armários de colecionador em miniatura, com minúsculas conchas marinhas e entalhes em gavetas do tamanho do polegar.²⁵

Só em Amsterdã, pouco menos de cem armários particulares de curiosidade foram registrados entre 1600 e 1740, testemunho do grande prestígio que as coleções tinham alcançado e da disponibilidade de objetos para encher, de acordo com as inclinações e os recursos do dono, gavetas ou cômodos inteiros.²⁶ O armário tornou-se parte integrante do



interior holandês, a começar pelo guarda-louça de mogno coroado de porcelana oriental que ainda pode ser encontrado nas casas holandesas, e culminando com os famosos museus particulares de amadores como Nicolaes Witsen, Bernadus Paludanus ou Frederik Ruysch. Esses armários eram, com efeito, microcosmos a portas fechadas: enquanto, de acordo com o mau clima e os princípios calvinistas, a riqueza não deveria nem poderia ser ostentada nas ruas, fosse na fachada das casas ou nas roupas, essas restrições não se aplicavam às salas de visitas, onde objetos interessantes, móveis finos, tapetes e, é claro, pinturas definiam o *status* e o gosto de seus donos.²⁷

Quando um admirador escreveu dizendo que a famosa coleção de Bernadus Paludanus continha espécimes “Ut alle hoecken claer, des werelts” (“De todas as partes do mundo”), não era só modo de dizer.²⁸ A variedade de objetos coletados já no começo do século XVII é impressionante, e reflete a dimensão do império comercial holandês: de armas, porcelanas e caligrafia japonesas, os artigos registrados em armários holandeses tinham origem em entrepostos de um mundo mercantil que incluía China, Índia, Indonésia, Austrália, regiões africanas diversas como Nigéria, Etiópia e Angola, as ilhas Malaca, o Caribe, as Américas do Norte e do Sul, Egito, Oriente Médio e até mesmo Groenlândia e Sibéria. Esta abundância de coisas exóticas, e o jeito de transportá-las, geralmente a cargo de marinheiros indiferentes às complexidades da preservação, tiveram curiosos efeitos colaterais, como o longo debate sobre se aves do paraíso tinham ou não pernas (inspirando a bela e trágica lenda de que eram condenadas a voar até morrer — pensava-se que os colibris enfiavam o bico nas árvores, onde ficavam pendurados para descansar), porque a grande maioria dos espécimes que chegavam à Europa tinham apenas corpo, em geral faltando a cauda e a cabeça. Conchas e moedas, por serem fáceis de preservar e guardar, eram mais procuradas.

Enquanto muitas dessas raridades eram usadas para diversão e para serem exibidas, outros colecionadores se empenhavam em estudar metodicamente e usavam suas coleções como repositórios de conhecimento, comparação e enciclopédias. Jan Jacobsz Swammerdam (1606-78) escreveu uma monografia sobre “bloedelose diertkens” (“pequenos animais sem sangue”, ou insetos), que apareceu cinquenta anos após sua morte com o título de *Bybel der natuure* (*Bíblia da natureza*), expressão ousada num país piedoso.

so. Além de cerca de três mil insetos, sua coleção continha espécimes situados na fronteira do conhecimento existente, como “a pele de um carneiro tártaro que cresce a partir da terra”, uma planta lanosa, que segundo a crença se transformava num carneiro à noite para comer as plantas circundantes e sangrava quando cortada.²⁹



Aceitar pelo menos que tais criaturas eram possíveis, até prova conclusiva em contrário, era boa ciência, não superstição, sobretudo em uma cultura alimentada desde a mais tenra infância por histórias e milagres bíblicos, e por conceitos de história natural apresentados por Plínio, Platão e Aristóteles, que ainda exerciam considerável influência.

A boa ciência e o espírito do empirismo eram, entretanto, apenas uma resposta à multiplicidade de coisas que inundavam a Europa e as mentes européias. Enquanto estudiosos na Itália e na Holanda contavam besouros, outra coleção, infinitamente mais rica, crescia no coração da Europa, na corte do príncipe Saturnino, o imperador dos Habsburgo Rodolfo II.

Disposição para a Melancolia

Você se admira de que esta matéria, misturada desordenadamente ao capricho do Acaso, tenha resultado num homem, pois parece que muita coisa seria necessária para a sua construção. Mas precisa se dar conta de que, a caminho da forma humana, cem milhões de vezes esta matéria foi detida para formar ora uma pedra, ora um chumbo, ora um coral, ora uma flor, ora um cometa; e tudo isso porque, para compor um homem, mais e menos elementos eram ou não eram necessários. Não admira que, da infinita quantidade de matéria que incessantemente muda e se agita, sejam feitos os poucos animais, vegetais e minerais que vemos; não admira mais do que tirar um par real em cem lances de dados. De fato, é igualmente impossível que essa agitação não conduza a alguma coisa; e ainda assim esta coisa sempre será vista com espanto por algum cabeça-dura que nunca perceberá que uma pequena mudança poderia tê-lo transformado em algo diferente.

Cyrano de Bergerac, *Voyage dans la lune*¹

Uma frota magnífica aportou em Gênova, em 1571. A bandeira dos Habsburgo tremulava em seus mastros, e a carga cuidadosamente transportada para o ancoradouro do movimentado porto era composta por baús de viagem repletos de presentes, armas, livros e roupas preciosas, além de dois príncipes com sua comitiva de conselheiros, guardas armados, criados e dignitários. O capitão dos navios, Don Juan da Áustria, acabara de derrotar a frota otomana na célebre Batalha de Lepanto; agora supervisionava uma